Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

Ano VI • nº 234 • Uberaba/MG • de 10 a 16 de fevereiro de 2003

Reprodução

Rebeldes de ontem e hoje

Espírito dos anos 60 permanece vivo nos ativistas do século XXI

págs. 6 e 7

Cotidiano

"Uberabices" dão graça à vida da cidade

págs. 3 e 4

Sociedade

Desperdício agrava fome no Brasil

págs. 10 e 11

issuu-downloader.com

Editorial

Os novos rebeldes

reprodução

Milhares de jovens participaram da marcha de abertura do 3º Fórum Social Mundial, em Porto Alegre

A geração que vivenciou – ou apenas presenciou – o período de intensas manifestações estudantis à ditadura militar costuma acusar os jovens do século XXI de despolitizados, alienados e consumistas. Dizem, com certo amargor, que os estudantes de hoje não possuem ideais, que só pensam em divertir-se em festas e garantir boa carreira pessoal no futuro. Os mais nostálgicos chegam a superestimar as glórias do passado para desvalorizar tudo que se refere ao atual momento histórico.

No entanto, inúmeros fenômenos mundiais nos últimos anos têm mostrado claramente que a geração do novo século não é esse vácuo de inteligência de que é acusada. Jovens de todo o planeta estão protestando, com intensidade e criatividade nunca vistas, sobre os mais diversos problemas que preocupam a humanidade: guerra, destruição do meio ambiente, xenofobia, globalização, imperialismo cultural, controle dos meios de comunicação por grandes corporações, entre muitos outros assuntos locais. Seja através de manifestações nas ruas, ativismo em ONGs ou *ciberguerrilhas* na Internet, a geração atual tem se mostrado profundamente crítica e consciente.

Em Seattle, nos EUA, milhares de jovens protestam contra a hegemonia do G8 (Grupo dos sete países mais ricos do mundo, mais a Rússia), nas reuniões dos chefes de Estado dessas nações. Em Davos, na Suíça, manifestantes vão às ruas e fazem muito barulho para manifestar repúdio ao modelo econômico representado pelo Fórum Econômico Mundial, responsabilizado por empobrecer ainda mais ainda os países subdesenvolvidos.

Ativistas de todo o planeta têm se organizado através da Internet e realizado manifestações simultâneas em vários países, para protestar e tentar evitar uma guerra dos EUA contra o Iraque. E isso é inédito: pela primeira vez na história se vê manifestações contra uma guerra que ainda nem começou. Em Porto Alegre, no Brasil, o Fórum Social Mundial reúne milhares de estudantes, ativistas, intelectuais e representantes de ONGs de todo o planeta para discutir alternativas para um mundo melhor, incentivando a diversidade, a identidade cultural e a justiça social.

Jovens de todo o planeta estão protestando com intensidade e criatividade nunca vistos na história

Não se esquecendo das referências locais, no ano passado, em Uberaba, centenas de estudantes de diversos colégios participaram de um ato pela construção da paz, e universitários de vários cursos protestaram contra a destruição do patrimônio histórico da cidade.

Os tempos são outros. Antigos problemas foram superados, novos surgiram, e outros permanecem. Em um mundo mais complexo e diversificado, a geração do século XXI está redefinindo as formas de atuação na sociedade para melhor direcionar os esforços para transformar a realidade. E se esse fato significa alguma coisa, foi nesta geração que, pela primeira vez na história do país, um retirante nordestino, legítimo representante popular, chegou à presidência do país.

Para refletir

"Nossas vidas tomam o rumo de nossas curiosidades"

Rosa Alegria

OMBUDSMAN

Esclarecimento sobre o instituto *Ombudsman* na UNIUBE

Newton Luís Mamede

O presente artigo tem por fim atender a críticas e sugestões enviadas ao *Ombudsman*, por um leitor do jornal ***Revelação*** e aluno da UNIUBE.

Na Universidade de Uberaba, o *Ombudsman* exerce sua função em duas linhas, em duas direções, em dois sentidos, sob dois aspectos. E exatamente por isso, esse exercício já se distingue dos demais detentores da mesma função em outras empresas ou entidades.

A primeira dessas linhas é a Universidade de Uberaba propriamente dita, em que as críticas, reclamações, queixas e denúncias são ouvidas e encaminhadas aos devidos setores, e, em alguns casos, comentadas publicamente em artigos afixados nos quadros de alguns prédios do *Campus* II. Cópias desses artigos são encaminhadas, simultaneamente, a todas as autoridades acadêmicas e chefes de setores da administração da UNIUBE, num total de mais de quarenta cópias. Nesses artigos, sim, a função de *ombudsman* tem seu exercício pleno e específico, como o citado aluno sugere, ou seja, a crítica. E não gratuita, mas a crítica fundamentada precisamente nos objetos das denúncias e reclamações, trazidas pelos estudantes e demais pessoas que atuam no âmbito da Universidade. Críticas a muitas situações que o aluno cita em suas sugestões: contra má atuação ou incompetência de professores, contra desmandos dos diversos setores da administração acadêmica, contra falta de conforto nas salas de aula, contra mau atendimento de certos funcionários aos clientes, contra atuação indevida ou suspeita de alguns dirigentes, contra insuficiência da cantina para atendimento à população da Universidade, contra indiscriminada e imoral reposição de aulas, contra desempenho insatisfatório dos alunos no Exame Nacional de Cursos, e tantas outras. Tanto o titular do cargo que nos precedeu, como o atual, ambos abordamos esses e outros desvios e os denunciamos em nossos artigos ou em nossos encaminhamentos para a devida solução.

A outra linha é a da publicação de artigos no jornal laboratório ***Revelação***. O aluno tem razão quando afirma que a tônica desses artigos não corresponde à função de *ombudsman*. Não corresponde, mas na plenitude ou especificidade de seu exercício, como ocorre na situação anterior, a do recinto dos *campus*. E essa linha de artigos é uma extensão da atividade do *Ombudsman* da Universidade de Uberaba, é um adicional, um enriquecimento, um importante *algo mais* que os titulares do cargo em outras empresas não possuem. Diríamos que é algo que não precisaria existir para que a função de *ombudsman* continue existindo em nossa instituição. Essa extensão, esse *algo mais* tem exatamente o objetivo e a intenção de apresentar reflexões críticas (sempre críticas) de ordem intelectual e filosófica sobre os diversos aspectos da educação e do ensino universitários no país, ou em geral, e não **apenas** na UNIUBE. São artigos que refletem a tendência do pensamento contemporâneo sobre universidade, ensino, ciência, cultura, ética, capacitação profissional e, sobretudo, EDUCAÇÃO. Educação, que é a essência de uma escola.

Agora, sim, o esclarecimento pleno. A Universidade de Uberaba não é um jornal, como a *Folha de São Paulo*, que o aluno menciona; nem um supermercado, como o *Pão de Açúcar*; nem a *Companhia Energética do Estado de Goiás* – CELG; nem a Polícia Militar do Estado de São Paulo, para citar apenas essas entidades ou empresas que possuem o instituto *Ombudsman* ou seu equivalente *Ouvidor*. Quando o aluno afirma que o *Ombudsman* da *Folha de São Paulo* publica, no jornal, críticas ao próprio jornal, e que esse é o exercício correto da função, ele acertou. O que não pode é comparar esse exercício num jornal com o de uma universidade. Conforme o afirmei acima, as críticas que fazemos à UNIUBE são publicadas também, mas no âmbito ou no recinto da própria UNIUBE. A Universidade de Uberaba é uma empresa de educação, uma ESCOLA, e não um jornal. Por que não se compara, então, o *Ombudsman* da UNIUBE com o do Supermercado *Pão de Açúcar*? É claro que é porque as críticas do *Ombudsman* do Supermercado não são publicadas pela imprensa. Elas circulam e agem no âmbito do próprio Supermercado.

Aqui está a diferença. A função do *ombudsman* numa **escola**, numa instituição de **educação**, é eminentemente **pedagógica**. Por isso, as críticas às situações internas da Universidade de Uberaba existem, sim, há SEIS anos (e já estamos no sétimo ano), mas apenas no recinto da Universidade. E publicadas. É só ler os cartazes. E ainda: por ser uma função de caráter pedagógico, os comentários do *Ombudsman* não precisam ser só de aspectos negativos. Podem ser, também, de elogio, de exaltação de um sucesso ou de um evento, sempre com fim pedagógico, de estimular educadores e alunos a buscar sempre o melhor e a seguir os modelos objeto de sucesso. E o *Ombudsman* da UNIUBE não é *ombudsman* do jornal ***Revelação***, mas da Universidade, da instituição toda. E a instituição UNIUBE é uma escola, e não um jornal. Não são os artigos publicados no jornal que caracterizam o exercício pleno da função de *ombudsman* na UNIUBE. Conforme o afirmei, nossos artigos publicados no jornal são de outra linha, de outra natureza, um adicional não necessário, mas que SÓ a UNIUBE tem. São artigos críticos, sim, mas de natureza reflexiva, intelectual, filosófica. Mas críticos.

Finalmente, é preciso exaltar a disposição do aluno de ter enviado as críticas e sugestões. Isso é sinal de maturidade e de inteligência. É ter consciência crítica, é saber exercer o direito e o dever de cidadão e de estudante. É saber participar. É ter dignidade e saber impor respeito. Parabéns.

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Secretário de Redação: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br)
Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • •
Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Érika Galvão Hinkle (erika.hinkle@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Suporte de Informática: Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br) • • •
Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica Imprima
Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953
http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Cotidiano

Uberabices, manias e maneiras

Símbolos e costumes fazem a graça de uma típica cidade do interior de Minas Gerais

Érika Machado
5º período de Jornalismo

André Azevedo

A folclórica feira da Abadia é uma das mais populares atrações da cidade nas manhãs de domingo

A visão de quem sobe no topo do maior prédio do Brasil Central é a da cidade do Zebu, do seu Antônio, do cachorro quente do Japão, do Miuchen, da praça das barrigudas, do tradicional mercadão e da eclética praça da Abadia, *entre outros points*.

Dos milhões que movem os leilões zebuínos as migalhas distribuídas aos mendigos do calçadão da rua Artur Machado, a cidade de Uberaba move sua economia e cultura ainda baseada segundo os padrões do campo, mas misturado com a modernidade e juventude trazida pelos milhares de estudantes que freqüentam às faculdades da cidade.

Famosa pela Expozebu, Uberaba guarda outras preciosidades na sua história e um jeitinho totalmente uberabense de ser.

"Tá vendo o Manhatan"? Com 98m de altura, o apart hotel, inaugurado há oito anos virou referência espacial da cidade. Em Uberaba, ou está perto do Manhatan, ou fica depois ou antes do Manhatan. Com uma visão de 360º da cidade, o hotel, e também pequeno shopping, é o lugar de trabalho do camareiro José Geraldo Neto. Neto confirma a fama da exposição. Na época da feira, o movimento é consideravelmente maior, a diária normalmente de 95 reais chega a custar 250; e as gorjetas, claro, acompanham. " Na época do leilões vem gente de tudo quanto é lugar, gente de grana, a gente vê até nota de 50 nas gorjetas", lembra. Além do mês de maio (período da exposição), a cidade recebe em outras épocas do ano estudantes de todo o Brasil. Em época de vestibulares o hotel também fatura. "O movimento do hotel em dias de prova para as faculdades só perde para a Expô", garante Neto.

Quem passa pelo calçadão, depara-se com uma turma de senhores que todos os dias se encontram para um bate-papo

Embalos da noite

E não é só o Manhatan que agradece. Cidade universitária típica, a noite em Uberaba é embalada pelos jovens que freqüentam os bares e botecos. "O jovem é que faz a festa, o pessoal mais velho da cidade é muito caseiro." Diz Maurício Ribeiro Assunção dono de um dos bares mais tradicionais de Uberaba. Há 19 anos ele enfrenta as fases da noite uberabense. "Teve época que vinha só meninada de colegial. Depois conquistamos os universitários, e aos poucos o pessoal mais velho passou a freqüentar, mas tudo depois das mudanças que fizemos." O bar começou com um espaço bem menor do que é hoje, o empresário investiu em música ao vivo ampliou o lugar. Aos domingos, a fila para entrar na choperia dobra a esquina da avenida Santos Dumont, onde fica instalado a choperia.

"Esse é o charme. Brasileiro adora uma fila. Pára no lugar onde tem muita gente e não pergunta nem o que está acontecendo", diz Maurício. Apesar de um bar requisitado, Maurício conta que passa dificuldades. Além da concorrência, que é forte, a moçada vive mudando as preferências. E no final de ano, por exemplo, os universitários estão em exames finais e sem dinheiro, o que faz cair o movimento, só recuperado nas férias.

Calçadão

Mas nem só de juventude e badalação vive Uberaba. Quem passa pelo calçadão, no centro, depara-se com uma turminha de senhores que todos os dias se encontram ali para o habitual bate-papo. Em frente a barbearia Continental, seu Antônio Boaventura de 76 anos aproveita o tempo livre pela manhã para conversar com os companheiros de calçadão.

" Quando não gosta de roça num dianta", lamenta seu Antônio

"A gente fica por aqui mesmo, lê as notícias dos jornais, vê o movimento, fica sentado aqui nesses bancos e colocando a prosa em dia." Assim como seu Antônio, outros ficam por ali conversando e observando o movimento. Nenhum lance escapa. " Aqui é esse movimento, tem pessoas que passam todos os dias, na mesma hora, a gente até já sabe. É o pessoal que trabalha aqui no comércio, né ?" Seu Antonio aprecia a beleza feminina. Cada mulher bonita que passa seu olhar se desvia. Mas ele também repara na miséria de alguns pedintes. "Graças à Deus a gente tem o que comer. Me dá muita dó ver essas pessoas. Morei na roça durante quarenta anos, nunca passei fome. Depois que meus filhos formaram e casaram, vim pra cidade com a patroa. Agora, roça só a passeio. Menina, mas tá calor demais, tá parecendo o norte." Seu Antônio conta que quando era mais moço, viajou pelo Brasil comprando e vendendo boi." Foi assim que comecei, como catira e aos poucos fui comprando minhas terrinhas." Dos seus quatro filhos, apenas os dois homens assumiram as terras do pai. As duas "meninas" como ele diz, casaram-se, venderam as terras que herdaram, para os próprios irmãos e compraram umas casas de aluguel aqui em Uberaba. " Quando não gosta de roça num dianta", lamenta.

O que não falta na cidade são vestígios de roça. É o famoso queijo mineiro, o frango e

issuu-downloader.com

os ovos caipiras, o doce de leite feito no tacho. Para quem aprecia essas delícias da terra, o mercadão é o lugar ideal para realizar os desejos. Com várias barracas de carnes, frutas, verduras e, claro, comida típica, o mercadão ainda exibe, artesanatos e lembrancinhas da cidade.

Feira da Abadia

E por falar em lembranças da cidade, você que está recém chegado não pode deixar de conhecer a eclética Feira da Abadia. O bairro que recebeu o nome da padroeira, realiza a maior feira da cidade, todo domingo. Lá, sim, a população se mistura, vendem-se além das frutas e verduras, frango amarrado pelo pé no cabo da vassoura, roupas usadas esticadas nos cabides, pão de queijo congelado ou assado na hora. Logo no comecinho da feira já é possível ouvir o carro de som parado no final da avenida: " Pamonha quentinha é só um real, tem de doce e tem de sal".

De cavalinhos de pau à *striptease* "o trem lá é feio", como dizem os moradores das redondezas da Mogiana

Dona Maria das Graças Vilela mora no Grande Abadia. Todos os domingos ela e o marido levantam cedinho para garantir o lugar já de costume para vender pamonhas: "O pessoal já acostumou com a gente aqui, já sabe que no finalzinho da feira tem pamomha feita no capricho".

A fama de comer quieto dos mineiros também se revela nos uberabenses

Dona Maria faz pamonhas dessas de roça mesmo com pedaço de queijo bem grande no meio e aquela massa de milho que derrete na boca.

Cachorro quente do Japão

Mas nem só de comida mineira alimentam-se os uberabenses, também apreciadores do americano hot dog, o mais conhecido é o cachorro quente do Japão. Mitsuo Hassumi, paranaense de Apucarana veio para Uberaba há 25 anos estudar. O irmão dele era dono do carrinho de cachorro quente e japão começou a ajudá-lo. Formado em Odontologia, o irmão foi seguir carreira e Japão assumiu as vendas. Nunca mais parou, sequer estudou. Mas formou os dois filhos, tem uma boa casa, um carrinho de lanche "estruturado" e ficou famoso pelo cachorro quente mais gostoso da cidade.

"Persistência e muito trabalho" Este é o segredo para dar certo, segundo Japão. E olha que seu carrinho não fica em lugar central. "É um ponto fora de mão", admite ele mas o que não falta é gente que sai do outro lado da cidade só para comer no carrinho do Japão. Nas madrugadas, então, o carrinho fica cheio de jovens que saem das baladas e passam lá para acabar a farra de barriga cheia. Aliás essa é mais uma das manias dos uberabenses: lanches. A cada esquina encontra-se um carrinho e todos estão sempre cheios, além do de Japão, tem o do Claudinho, e da Maria, o dp Soneca e o Cinqüenta Centavos, aquele em frente ao banco , aquele outro em frente a praça dos correios...

Símbolos da cidade

Ah, a Praça dos Correios! Outro símbolo da cidade. Famosa pelos pombos, durante o dia, em horário comercial, se vê muita gente fazendo o descanso do almoço por ali. Mas quando se quer mesmo descansar, o pessoal corre para a " praça da barrigudas", para os lados da univerdicidade. Na saída para Uberlândia, há

arquivo Revelação

Praça Rui Barbosa é o ponto central da cidade

uma série de lotes, onde foram construídos áreas de lazer e esporte. Ao longo da estrada há ciclovias, pistas para caminhadas, quiosques, o mirante de onde se avista a cidade e a tal praça das Barrigudas, onde o pessoal costuma freqüentar sempre bem acompanhados. Aos domingos à tarde, a moçada que gosta de pedalar aproveita a sombra para refrescar e tomar alguma coisa. Mas, à noite, o escurinho é usado para outros fins, daí o nome um tanto sugestivo da praça.

Ela só perde para a Mogiana, a velha estação de trem hoje rodeada de barzinhos. Um ambiente com fama de "picante". De cavalinhos de pau à *striptease* "o trem lá é feio", como dizem os moradores das redondezas. A manicure Dulce Helena conta que nos fins de semana acorda com os barulhos de carro e com a gritaria. Ela mora a uma quadra da praça. "De dia não, por aqui é uma delícia, as crianças podem brincar e andar de bicicleta, já que a avenida em volta da praça é bem larga, mas de noite a gente custa a vir comer um lanche. Direto se vê os namorados dentro dos carros ou de fora mesmo. Não estão nem aí. "

Essa não é uma cena típica só de Uberaba. Em qualquer outro lugar os jovens tendem a desafiar os bons costumes ditados na sociedade e apesar de abrigar estudantes de todo o canto, ainda se pode sair e encontrar bons ambientes. De uma maneira em geral Uberaba é uma cidade tranqüila, estamos longe da violência dos grandes centros brasileiros. Nossas raízes, bastante vinculadas à zona rural, nos dá um aspecto ainda meio caipira de ser. Por aqui ainda se vê gente andando de chapéu, festas de rodeios e muita moda de viola. O povo, segundo o próprio, é um pessoal humilde a acolhedor. A fama de comer quieto dos mineiros também se revela nos uberabenses, mas temos manias e maneiras, como qualquer cidade. Uberaba e suas uberabices.

issuu-downloader.com

As mãos por trás da magia

Cinéfilos e operadores de filmes contam suas histórias no escurinho do cinema

reprodução

Diovana Zaquia Miziara
5º período de Jornalismo

Pipoca, refrigerante, chicletes, balas. A caminho do cinema para ver a ultima seção. Ao entrar, tudo pronto; arsenal de guloseimas em mãos e muita atenção na tela que o filme vai começar. Ai começa a grande magia para quem assiste e um longo e cansativo trabalho para quem esta atrás das poltronas.

Atrás, em uma salinha onde so vemos um pequeno foco de luz, estão os operadores de filmes, responsáveis pela nossa diversão. No Cine Astor 1 e 2, no Shopping Urbano Salomão, existem duas operadoras de filmes, uma para cada sala; Cristina Moraes, na sala 1, e Solange Oliveira na sala 2. As duas trabalham no cinema há dois anos desde que ele foi fundado. Na Companhia Cinematografica São Luiz, que compreende os cinemas São Luiz, Metrópole e Vera Cruz os operadores revezam entre os cinemas.

Seu Adolfo Luis Silva trabalha para a companhia desde 1974. Já se aposentou na profissão, mas ainda continua no trabalho. Ele e Seu João Batista, que tem nove anos na profissão de operador, revezam no Cine São Luiz, mas também vão para os outros cinemas. Enganou-se quem, como eu, imaginava que a transmissão era feita por fitas como as de vídeo cassete. No Astor e também nos cinemas São Luiz, Metrópole e Vera Cruz, os aparelhos são os mais modernos, mas mesmo assim há todo um processo artesanal envolvido.

Os filmes vem em rolos, assim como filmes fotográficos. Os operadores tem que montar a seqüência das cenas para que o filme fique em ordem. Adolfo disse que os filmes vem em três rolos e, quando emendados viram somente um. Cada filme e formado por dois rolos, no total. "Tem que ter muita atenção para não colocar a seqüência errada e muito cuidado para não danificar o filme. Depois, e so colocar nas bobinas e rodar. A bobina maior e o filme; a menor, os trailers" , explica Cristina.

As duas bobinas, uma em cima da outra, marcam o inicio e o fim do filme; a medida que o filme vai sendo rodado as bobinas também rodam. As cenas passadas saem de uma bobina e vão para a outra; de modo que, no começo, a bobina de cima esta cheia, e no final, a de baixo e que fica cheia. No Cine São Luiz estas bobinas vem separadas em dois aparelhos. Quando acaba a transmissão do primeiro rolo de filme de um aparelho, o operador precisa interferir e ligar o outro aparelho para que o filme continue sem interrupções.

Cinema à carvão

Mas antigamente as coisas não eram "mil maravilhas" como hoje. Antes de 1914, o mecanismo de transmissão das câmaras era posto em movimento por uma manivela manual. Como era necessário, na época, manter uma cadencia de 16 imagens por segundo, os cinegrafistas trabalhavam ao ritmo de musicas que assobiavam, o mesmo ocorrendo com os operadores. "O sistema funcionava através do carvão artificial e existiam seis rolos de filme que teriam obrigatoriamente que fazer seis passagens, não como hoje em que existem dois rolos e so se fazem duas passagens", diz João Batista. Hoje as câmaras possuem motores elétricos ou mecanismos similares aos de um relógio. Câmaras portáteis ou semiportateis valem-se da energia fornecida por baterias elétricas de pequeno porte.

Primeiros filmes falados eram ainda sonorizados por meio de discos de fonógrafo

Os primeiros filmes falados eram ainda sonorizados por meio de discos de fonógrafo. A partir de 1928, estabeleceu-se o método de gravação óptica, feita diretamente sobre a fita de imagens, numa pista entre as perfurações e o fotograma. O som era registrado por processo fotográfico sobre uma superfície sensível; as vibrações sonoras eram transformadas em imagens fotográficas, que apareciam como borrões ou estrias acinzentadas. "Hoje o som e ativado com o aparelho, que a medida que o filme roda, o aparelho reconhece o mesmo", diz Cristina. Assim, som e imagem vem juntos na mesma fita do rolo. "A gravação do som vem ao lado das imagens e a fotocélula vai em cima da gravação para dar o som", diz Adolfo. Para Guido Bilharinho, escritor e critico de cinema, o surgimento do cinema com som foi uma jogada comercial, para se ter maior lucro. Foi daí que surgiu a idéia de se fazer filmes musicais, por exemplo.

Os filmes são locados pelos cinemas. Ficam uma ou duas semanas em media e depois voltam para irem para outros cinemas. "Depois que os filmes saem de cartaz em Uberaba eles voltam para Uberlândia, para a produtora que os aluga para os cinemas", conta Solange. Mas há algum tempo, os filmes demoravam a chegar a Uberaba. Iam para as capitais primeiro. Com isso as fitas arrebentavam de tanto já ter sido usadas, mas os operadores faziam as famosas emendas que as vezes obrigava ate cortar parte dos filmes.

Período áureo

Segundo Guido Bilharinho, o cinema, mais ou menos na década de quarenta, era muito precário. Eram maquinas menores, de 16 mm, e as pessoas ate mesmo precisavam levar cadeiras porque os cinemas não tinham nem poltronas. Mas aos poucos foi se aprimorando com o surgimento aqui em Uberaba do Cine Palace, o primeiro de Uberaba.

Já o final da década de 40 e começo de 50, foi o período áureo do cinema. No Rio de Janeiro existiam muitos cinemas, na chamada Cinelandia. Em Uberaba surgiu o Cine Metrópole, um dos maiores do pais, na época. A grande diversão nesta época era justamente o cinema. Não tinha muito lazer na cidade, então as pessoas lotavam os cinemas formando, imensas filas.

Cine Metrópole era um dos maiores do pais, na época

Na década de 60, Guido e alguns amigos montaram o Cine Clube, que funcionava no salão da Associação Comercial com uma maquina que conseguiram emprestada do sindicato dos bancários. Os organizadores do Cine Clube, como já eram conhecidos pelo trabalho, conseguiam os filmes emprestados na Cinemateca e exibiam para os associados. Alguns filmes que não chegavam aqui, eram exibidos naquelas sessões.

O cinema mudo marca oficialmente o inicio da historia do cinema, em 1895, com a apresentação publica do cinematografo, aparelho de transmissão filmes. As produções eram rudimentares, em geral documentários curtos sobre a vida cotidiana, dois minutos de projeção, filmados ao ar livre. "O cinema mudo e o clássico do cinema, e mais artístico. A imagem falava tudo. Eu, particularmente, não gosto do estilo, acho muito romântico, ingênuo, com lugares comuns", diz Guido.

Na década de 20 com o recesso do cinema europeu durante a 1ª Guerra Mundial, a produção de filmes concentrou-se em Hollywood, onde a figura de Charles Chaplin se destacou como um grande ator do cinema mudo.

Desde essa época do cinema mudo, Hollywood passou a ser conhecida pela sua estética revolucionaria. Ate hoje tem uma grande ascensão no mercado cinematográfico. "O cinema hollywoodiano tem a visão do lucro, do interesse político. Querem mostrar o "american way of life". Noventa por cento das obras que eles exportam são ideológicas. Não entram nos problemas do pais. Tem uma norma la que faz com que os filmes nunca terminem mal", diz Guido. Na verdade, Hollywood devera continuar fazendo sucesso ainda maior no Brasil e em todo o mundo. As distribuidoras de filmes nos Estados Unidos são as mesmas no Brasil por isso elas exportam o que lhes convem. "Os Estados Unidos tem filmes independentes otimos mas não são veiculados porque mostram problemas dos americanos. Hollywood tem a visão de que o povo não quer ver problemas na tela ", diz Guido.

Mas temos que destacar o Brasil neste meio cinematográfico. O Brasil começou a produzir filmes que, em sua maioria, são bons. O Brasil faz filmes voltados para a realidade do pais. Os problemas são expostos e os filmes parecem verídicos. E o caso do filme "Cidade de Deus", que mostra a realidade da favela brasileira, do trafego de entorpecentes, da impunidade e também do domínio dos marginais na sociedade.

Na verdade, o cinema hoje esta altamente tecnológico. O que segundo Lazaro Barbosa, gerente da Companhia Cinematografica São Luiz, daqui a alguns anos o cinema vai ser digital, mas não sabe isto sera viável aqui. Guido acha que somos colônia dos Estados Unidos e continuaremos recebendo o que para eles e viável que nos seja mostrado. Mas a grande magia do cinema não sera perdida. O trabalho dos operadores vai sempre estar em alta. E o trabalho de Solange, Cristina, Adolfo e João, embora desgastante, e compensador já que traz para tanta gente o espetáculo que e o cinema, com todas essas grandes produções que nos enchem os olhos.

issuu-downloader.com

Cultura

A geração que mudou o mundo

Hippies foram personagens importantes nas transformações sociais ocorridas nos anos 60

Alessandra Mendoça
6º período de Jornalismo

"A águia pousou", avisou Armstrong para os controladores da missão em Houston, a mais de 380 mil quilômetros de distância. Nem os técnicos da Agência Nacional de Aeronáutica e Espaço (NASA), nem um bilhão de pessoas (quase um terço da população mundial) que se apertaram na frente dos aparelhos de televisão para acompanhar a chegada do homem à Lua ficaram sabendo de um pequeno incidente que havia ocorrido durante aquele pouso. Uma dificuldade insignificante diante da dimensão da epopéia que Neil Armstrong, Edwin Aldrin e o colega de missão, o piloto Michael Collins (os três com 38 anos), estavam escrevendo naquele domingo, 20 de julho de 1969.

"Um pequeno passo para o homem, mas um grande passo para a humanidade", disse Armstrong, a voz entrecortada pela estática, ao deixar a marca de seu pé esquerdo no pó lunar, às 23h56, horário de Brasília, na frase que marcou para sempre o século XX.

Enquanto os astronautas estavam fazendo a história em um ambiente totalmente isento de qualquer barulho, a Terra estava embalada pelo som de Jimi Hendrix e Janes Joplin. Os jovens, que naquele momento pararam para ver um dos grandes acontecimentos da história da humanidade, se levantaram dos sofás e foram dar prosseguimento ao movimento mais conhecido, e até hoje lembrado com saudades, da história contemporânea: o movimento hippie.

Vestidos com roupas coloridas, óculos redondos, cabelos compridos e sempre acompanhados por instrumentos musicais, os hippies caminhavam pelas ruas pregando a paz e o amor. Eram jovens rebeldes dos anos 60 que aceitavam a liberdade sexual e o uso de drogas. Fatos, como a chegada do homem à Lua, eram comemorados com muita música, sexo e LSD, substância sintética que produz efeitos semelhantes aos das plantas alucinógenas.

Paz e amor

Para ser um hippie, a pessoa deveria acreditar na paz como a maneira de resolver diferenças entre povos, ideologias e religiões. A forma de levar a paz era o amor e a tolerância. Amar, para eles, significava a aceitação de outra pessoa da maneira como ela é, dar-lhe a liberdade para expressar-se e não a julgar baseados apenas em aparências. Este é o núcleo da filosofia hippie. Assim, ser um deles não significava apenas ter uma maneira diferente de vestir, de seu comportamento liberal ou um certo status econômico. Era uma aproximação filosófica à vida que enfatizava a liberdade, a paz, o amor e um respeito para com o outro e à Terra. O ideal hippie morreu?

Ainda se encontram pessoas que viajam de um ponto ao outro do Brasil, vendendo artesanatos e fazendo tatuagens

Isto é comprovado quando, em pleno século XXI, ainda se encontram pessoas que viajam de um ponto ao outro do Brasil, seja em praias ou em cidades que não são litorâneas, vendendo artesanatos e fazendo tatuagens fixas ou de henna. Sentado na porta da Universidade de Uberaba está João Eurípedes, 44, Carvalho, mais conhecido como Pipa. De camisa colorida, calça jeans e botina, Pipa monta a sua banca, que se resume a um banco forrado com um pano verde. Sobre o forro estão os seus artesanatos: brincos, anéis, pulseiras, colarzinhos. Alguns são feitos por ele, outros são comprados para serem revendidos.

Os alunos que vão passando para assistirem às aulas, param e ficam a olhar as bijouterias. Alguns compram, outros apenas olham e vão embora. Há os que já o conhecem há muito tempo; outros passam como se naquele local não estivesse ninguém.

Batizada na Igreja Católica, a ex-hippie se considera, hoje, budista

Assim Pipa vai levando a vida, de viagem em viagem, de porta em porta de universidade. Quem olha para aquele homem ali, sentado, acredita que ele já participou do movimento hippie. A esta pergunta, ele responde envergonhado por causa do gravador: "Eu trabalhava antes para o sistema, na década de setenta. Trabalhei em fábricas e em vários outros serviços. Naquela época, o movimento hippie passou por Uberaba, gostei do movimento e fui convidado para entrar. Aí eu topei e comecei a fazer artesanato. Fui desenvolvendo ele no Brasil e no mundo".

reprodução

Caetano, Gil, os Mutantes, Rogério Duprat, Tom Zé, Gal Costa, Torquato Neto, Capinam e Nara Leão na clássica foto do disco Panet et Circences, a estréia do Tropicalismo

Pipa chama uma mulher que estava passando e diz:

- Cláudia, vem cá

Depois se dirigindo a mim:

- A Cláudia pode responder às suas perguntas também. Ela morou no Arraial d'Ajuda.

- Sobre o quê? – Cláudia me pergunta.

- Movimento hippie – Respondo.

Cláudia depois de pensar no que responder, diz:

"Já não existe mais hippies como os de antigamente. Hoje os jovens são mais desinteressados e muito materialistas"

- Hoje já não existe mais hippies como os de antigamente. Hoje os jovens são mais desinteressados e muito materialistas. Mas você pode falar comigo na hora que você quiser. Vou para aula, a professora é muito exigente com horários.

Ex-hippie

Antes, Cláudia deixou comigo seu telefone, para marcarmos uma entrevista para o dia seguinte. Ela é casada e faz o curso de Turismo na Universidade de Uberaba. Antes de sua aula iniciar, ela senta-se na carteira e diz: "Vamos começar?". É uma pessoa despachada e muito vivida, tem uma maneira própria de vestir. Calça jeans e camisa larga parece que são as suas peças preferidas. Para completar o visual, um colarzinho de pedras azuis. Ela se considera uma pessoa viajada e fala que suas idas à Europa e à Ásia foram graças ao estilo de vida que ela escolheu, desde que se mudou para Arraial d'Ajuda, um dos santuários do movimento hippie no Brasil na década de setenta. "Bastante hippies moravam lá, aí eu comecei a sair com eles", diz.

Batizada na Igreja Católica, a ex-hippie se considera, hoje, budista. Em suas viagens,

issuu-downloader.com

Cláudia foi para o Tibet e o Nepal e lá esteve totalmente em contato com a cultura do lugar, com o povo de lá e, principalmente, com a religião que Buda criou. "Leio livros do Dalai Lama e tudo o que ele fala a respeito da sabedoria budista é muito inteligente, muito sábio. Todo mundo deveria ler um pouquinho e aprender como a vida é simples e ser feliz de verdade. Isto é o Nirvana, você pode viver a felicidade, viver várias vidas."

Tanto Cláudia quanto Pipa vêem o mundo de uma forma especial. Eles acreditam que nasceram para ser (e fazer as pessoas) felizes. Desapegados da matéria, como dizem, abominam as armas, as guerras e tudo que possa destruir a natureza. "Já pensou se todos nós pensássemos só em energia boa? Vamos destruir as armas, gente! Vamos destruir as bombas nucleares!", diz Pipa como se estivesse convidando os estudantes, que estavam passando, a se organizarem para uma passeata.

Artesanato

As pessoas que, como Pipa, continuam a viver do artesanato e viajando não se importam com a opinião alheia. O que eles querem é viver, conhecer lugares, pessoas, e ter experiências novas a cada dia que amanhece. Segundo Cláudia, foi exatamente este espírito de liberdade que a fascinou: "Eu fui para o Arraial d'Ajuda passar férias e nunca mais voltei a mesma de lá, porque eu conheci pessoas diferentes e o mundo era diferente. Não tinha segunda-feira, não tinha terça-feira. Todos os dias eram sábado ou domingo, tudo era festa".

Aliás, esse estilo de viver é exatamente o que caracterizava os hippies: fazer do trabalho um hobbie, em vez de uma obrigação, e viver um dia após o outro sem se preocupar com o futuro.

E assim, seguindo os seus próprios passos, essa geração de jovens que acreditou ser capaz de parar uma guerra e mudar o mundo deixou uma semente que acabaria sendo lançada aos quatro ventos, indo refletir nos lugares mais longínquos do globo. Uma nova moral, uma nova ética, novos valores haviam sido cultivados na cabeça das pessoas graças aqueles jovens dos anos sessenta. A semente do movimento hippie germinou?

Alguns personagens de gerações posteriores comprovam que sim. Quando Sérgio Henrique nasceu, na década de 80, o auge do movimento já havia acabado, mas, hoje, com 22 anos, ele vive aquilo que escolheu. Com a mochila nas costas, saiu de Araxá para ganhar o mundo.

Como meio de sobrevivência, e para não fugir à regra, também confecciona e vende artesanatos, uma arte que aprendeu há quatro anos. Vive de cidade em cidade, vendendo o seu trabalho artesanal sem se importar com luxo e dinheiro em excesso. "Eu sempre gostei de artesanato. É uma vida diferente, porque artesanato não é profissão, é vida", diz o jovem com um pedaço de arame de cobre na mão pronto para fazer outra peça.

Ativismo e rebeldia no século XXI

Jovens de hoje também vão às ruas protestar por um mundo melhor

Eduardo Dantas - Imagens da Paz - www.ImagensdaPaz.org

Ato público realizado no lançamento do projeto Imagens da Paz, em São Paulo

Os jovens brasileiros tiveram uma influência muito grande dos hippies americanos. Viviam das mesmas formas, lutavam pelos mesmos ideais, mas enquanto os jovens relaxados lutavam contra uma guerra que esta estava acontecendo no Vietnã, os brasileiros estavam pegando em armas para combater a ditadura militar.

Passeatas, reuniões secretas, brigas entre faculdades, gás lacrimogêneo, este era o dia-a-dia de uma geração de jovens que não poupavam esforços para correr em busca de seus sonhos. Eis alguns motivos que os faziam arriscar suas vida: igualdade social, fim das guerras dentro e fora das cidades, ter a liberdade de ir e vir sem o medo de estar sendo vigiado por policiais neuróticos, que acreditavam que tudo e todos estavam conspirando contra o governo militar.

Entre os jovens politizados estavam os artistas. Eles iam à luta para conseguir a liberdade de expressão e o fim da censura. Usavam a canção popular de massa como arma para traduzir o contexto histórico. No Brasil, Caetano e Gil são um dos principais porta-vozes daquela época. Eles foram formadores de opinião de enormes multidões. Sempre afinados com os princípios de liberdade que tomaram corpo a partir da contracultura.

Quando Geraldo Vandré fez *Para não dizer que não falei das flores,* não sabia que a música se tornaria um hino pela igualdade e contra a injustiça social. Embalados por este hino, os jovens faziam passeatas e guerreavam contra policiais. Qualquer motivo era sinônimo de ir às ruas e reivindicar, o que acabava sempre com muita gente ferida nos hospitais, presas e sendo torturadas com os métodos americanos para não deixar marcas ou escondidas em quaisquer becos da cidade.

Nas reuniões feitas na calada da noite, os líderes e os seguidores discutiam formas de estratégias adequadas para terminar com o capitalismo e dar início à realização de seus ideais. "O que percebe-se naquela época é que havia um sonho do modelo socialista. A intenção era substituir o modo de produção capitalista por uma proposta socialista ou então uma proposta libertária de um modo geral. O movimento hippie, por sua vez, propunha outra forma de liberdade que era muito próximo ao Anarquismo", explica a professora de Antropologia e Sociologia da Universidade de Uberaba Fernanda Telles Marques.

Fernanda lembra que naquele momento histórico era preciso tomar cuidado para não confundir os jovens engajados politicamente, que tinham base teórica a respeito do capitalismo, com os jovens que estavam envolvidos com as bandeiras do contra. Estes tinham apenas vontade de ser contra, mas não tinham nenhuma base de discussão ou argumentos para explicar o por que lutavam. Mas, pela primeira vez na história da humanidade, jovens se organizaram em todo o mundo ocidental para lutar a favor de seus ideais, seja pela paz e amor ou por motivos políticos. Porém não sabiam que indo contra o sistema vigente, eles estariam escrevendo uma parte do passado que, hoje, é o nosso presente.

Os movimentos antiglobalização são os melhores exemplos de que os jovens não estão indiferentes aos problemas mundiais como pode parecer

Novos tempos

Mas os jovens do momento costumam ser tachados de alienados, materialistas e consumistas. Porém, ao contrário do que normalmente se pensa, parte da geração 2000 sabe o que quer e vai às ruas com bandeiras em punho. Não se consideram apenas um número a mais na pesquisa do Censo.

Os tempos são outros, claro, e os motivos para ir à "guerra" também. "Os valores mudaram muito, o que não quer dizer que a juventude esteja alienada ou acomodada. São outros valores, porém, a bandeira de luta vai ser outra e as motivações dos indivíduos de se unirem vão ser diferentes de acordo com os quadros sociais a que o indivíduo pertence", explica Fernanda.

Os movimentos antiglobalização são os melhores exemplos de que os jovens não estão indiferentes aos problemas mundiais como pode parecer. Uma das famosas manifestações desses "rebeldes" aconteceu em Gênova, cidade do norte da Itália, em julho de 2001. Lá acontecia a reunião do G-8, o Grupo dos Oito, formado pelo países mais industrializados do planeta (Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, Japão, Alemanha, França, Rússia e Itália).

Mesmo com todo o sistema de repressão nas fronteiras, mesmo com o bloqueio das estradas, mesmo sob a ameaça de encontrar estações de trem fechadas, o Povo de Porto Alegre, integrantes do grande movimento antiglobalização e como gostam de ser chamados, chegaram a Gênova. Eram mais de 150 mil pessoas presentes demonstrando suas insatisfações quanto à imposição dos países desenvolvidos sobre os países subdesenvolvidos; contra uma forma de governo em que países ricos ficariam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres.

As manifestações ocorridas em Gênova podem se comparar com as passeatas estudantis no Brasil, durante a ditadura. Os protestos antiglobalização também criaram mártires, por exemplo. Em 1968, morria o estudante Édson Luís Lima Souto, baleado no peito por um soldado da PM num choque no Calabouço, restaurante estudantil onde os estudantes cariocas faziam refeições baratas e se encontravam para discutir as situações políticas. Em 2001, em Gênova, um dos manifestantes, Carlo Giuliani, também foi morto com um tiro, só que na cabeça, por um policial. E o que mais chocou as pessoas foi a crueldade. Além de atirar contra uma pessoa desarmada, os policiais, não satisfeitos, passaram com o jipe em cima do corpo. Uma câmara de vídeo registrou as cenas e elas ganharam o mundo.

Dois tempos diferentes, dois espisódios semelhantes. Coincidência? Não. A questão é que o mundo mudou e os valores também mudaram, mas o engajamento político permanece. Na atualidade, os problemas que levam as pessoas às ruas são outros, como a manisfestação genericamente chamada de antiglobalização. Nos últimos quatro anos, o mundo viu e ouviu protestos que talvez revelem os mesmos sonhos dos "rebeldes" de 35 anos atrás. Afinal, a maioria dos problemas daquela época, como violência e desigualdade, permanece sem solução. **(A.M.)**

issuu-downloader.com

Saúde

O Drama do Sangue

Conheça as dificuldades que o tratamento de hemodiálise traz aos pacientes

Cícera Gonçalves
7° período de Jornalismo

reprodução

Tratamento normalmente deve ser feito de duas a três vezes por semana

Nesta sala de espera com um sofá e balcão, uma secretaria atende as pessoas que aos poucos vão chegando. Alguns que estão ali desde bem cedo e logo começarão os tratamentos, muitos com a cabeça para baixo, calados e pensativos. Uma fonte em cima de uma mesa pequena, ligada a uma tomada. A água cai a toda hora, o barulho traz uma certa paz no ambiente. Tem até um quadro atrás do balcão, pintura bem feita, o pintor utilizou cores mais quentes. Nele está uma pessoa deitada em uma cama. Outra pessoa, sentada em uma cadeira ao lado da cama, parece ser um médico, cuida do adoentado em um quarto. O quadro lembra uma época antiga, pois o paciente está dentro de um quarto e parece estar sob cuidados dentro de sua casa, com vasos e louças em cima dos móveis antigos. Isto lembra a época em que meus avós contavam histórias de pessoas que moravam em fazendas e eram atendidas em casa. Tinha até aquela história antiga da parteira que morava próxima as fazendas e alguém a chamava para fazer o parto. O quadro me chamou muito a atenção. Fiquei durante muito tempo a olhar para ele, me fez lembrar as histórias que ouvia de minha avó, que ainda forte, as conta como ninguém. Mais atenção me prendeu o que iria ver seguindo por aquele corredor, depois de entrar por outra porta. O coração bateu mais forte. A vontade carrega consigo a curiosidade.

"Eu bebia demais e acho que isso atrapalhou meus rins"

Área de convivência

Esperando pelo doutor Antônio Fernando no Instituto de Hemodiálise e tentando analisar o quadro, várias coisas passaram em minha cabeça. Meu pensamento foi longe até demais. Depois de algum tempo o médico aparece e me conduz até a sala onde os pacientes fazem o tratamento de hemodiálise.

Passo por um corredor estreito e vejo do lado direito uma sala imensa com mais ou menos dez pacientes deitados em uma cama estreita e uma máquina ao lado de cada um deles, que faz a filtragem artificial do sangue. Somam-se 15 máquinas. Tem uma televisão para passar o tempo. Está passando o programa da Ana Maria Braga sobre culinária. Deve dar até fome nas pessoas que estão ali deitadas. Enganam-se aqueles que pensam que os pacientes não podem comer durante o tratamento. Pelo contrário, é servido biscoito de maizena, e sempre que a fome aperta, ao ver o programa da artista, eles pedem mais um.

Naquele momento em que entrei na sala, o impacto foi grande, pois nunca tinha visto coisa assim antes. O cheiro me deixou um pouco tonta, não sei que tipo de cheiro era, mas uma mistura de álcool com água oxigenada algo assim. Portanto, logo foi passando o cheiro, ou melhor, me acostumei e não pensei nele mais, caso contrário o Doutor Antônio teria que me internar? não seria legal. Paro e fico olhando o rosto de cada um dos pacientes, e para o médico que os tratava com afeição. Era uma convivência diária com todos os pacientes, e uma amizade de longo tempo. Conversava com eles e perguntava se estava tudo bem, se estava sentindo alguma coisa, como febre, entre outros efeitos colaterais que a hemodiálise causa ao paciente. Neste momento passam várias coisas na minha cabeça. Uma delas é valorizar mais a vida. Saúde é tudo. Uns são mais alegres e se divertem ao ver o médico entrar. "Como você está, Adilson?" perguntou o médico ao paciente. "Estou bem", respondeu o paciente bem humorado. O médico fala brincando: "O apelido dele é xaropinho sabia?" Fiquei rindo do apelido e logo parei para pensar no quanto aquele homem era bem humorado, mesmo com seu problema nos rins. "Quanto tempo você está aqui?," Pergunto a Adilson de Morais,38 anos. Já faz seis anos. Eu bebia demais e acho que isso atrapalhou meus rins. Fiz transplante duas vezes no Hospital Escola, e nenhuma deu certo. Na segunda tentativa, quase morri, menina". O médico fala que aquele homem é forte demais, pois já passou por essas duas cirurgias de transplante de rim, feito de um doador morto, e continua fazendo a hemodiálise até hoje. Adilson diz que ninguém da família se dispôs a doar um rim a ele.

O instituto de hemodiálise em Uberaba já existe há doze anos

Muitos ficam acordados enquanto outros estão em sono profundo. As auxiliares de enfermagem, com uma cadeira atrás de uma mesa pequena com recipientes cheios de algodão e injeções para em seguida aplicar o medicamento em algum paciente que sentir dor. Ficam observando atentas. "Você gosta de trabalhar aqui?", pergunto a uma delas. "Gosto. No começo o cheiro é ruim, mas depois agente acostuma e também é uma experiência de vida. É bom ter um contato com o pessoal. Aprendemos a dar mais valor a vida,". diz a técnica de enfermagem Lázara Leila, que trabalha ha um mês no Instituto de Hemodiálise. Ela parecia estar satisfeita por trabalhar no lugar. Outra auxiliar, aparentando cansaço acha que o salário não é muito bom, mas que compensa trabalhar porque emprego está difícil.

Quem doa?

O instituto de hemodiálise em Uberaba-MG já existe há doze anos e os tratamentos e cirurgias são cobertos pelo SUS (Sistema Único de Saúde). Só para se ter uma idéia se um individuo fizesse um transplante de rim com plano de saúde custaria mais ou menos R$ 20 mil; sem plano seria mais de mais de R$ 50mil.

O responsável pelo Instituto de Hemodiálise, o médico Antônio Fernando Hueb, conta que são feitas 600 sessões de hemodiálise por mês. Os cadastros dos pacientes que fazem o tratamento ficam guardados na ARENC (Associação dos Renais Crônicos de Uberaba e Vale do Rio Grande). São mais de 100 cadastrados. Em Uberaba, há três hospitais que fazem a hemodiálise: Hospital São José, Hospital Escola e Beneficência Portuguesa-Instituto de Hemodiálise.

Quem utilizou pela primeira vez, em 1854, o termo "diálise." Foi o médico Thomas Graham, para definir a passagem de substancias de uma solução a outra por meio de uma membrana semipermeável. E em 1861, ele utilizou folhas de pergaminho como membrana. De 1930 a 1940 várias tentativas foram feitas com o intuito de desenvolver e construir um "rim artificial." A criação do primeiro hemodialisador ,por Wilhem Kolff, foi em 1943. Desde então, os pacientes renais só contam com esta máquina para tentar uma sobrevida maior.

Todas as cirurgias de transplante de rim são feitas somente no Hospital Escola, grande parte delas com rins de doadores que morreram. Para receber um rim de doador, o paciente fica na fila de espera anos. Muitos não agüentam e morrem fazendo hemodiálise em cima da cama onde passaram quase a metade de sua vida. Ficam muitos anos fazendo o tratamento e o que se percebe é que os familiares em geral lhes doam rim. Resta para aquelas pessoas apenas a última que morre, a esperança. O tratamento é feito de duas a três vezes por semana e a maioria sai de suas cidades de madrugada para chegar em Uberaba e fazer hemodiálise.

Antônio Fernando explica que, para doar um rim, o doador precisa ser compatível com o receptor. A partir disso são feitos exames e mais exames. Os pacientes que fazem o tratamento no Instituto de Hemodiálise possuem insuficiência renal crônica. O rim fica praticamente inativo, sendo preciso passar por um processo de filtragem do sangue, que é feito pela máquina de diálise. A máquina cumpre o papel de rim artificial, purificando o sangue. A hemodiálise usa um dialisador, ou filtro especial, para limpar o sangue. O dialisador é conectado a uma máquina. Durante o tratamento, o sangue flui por tubos para o dialisador. O dialisador filtra

issuu-downloader.com

os resíduos e o excesso de líquido. O sangue recentemente limpo flui através de outro tubo de volta para o corpo.

Existe a chamada Diálise Peritoneal outro tipo de tratamento que substitui as funções dos rins e o objetivo é o mesmo da hemodiálise, tirar o excesso de água e as substâncias que não são aproveitadas pelo corpo e que deveriam ser eliminadas através da urina. Tanto a Diálise Peritoneal como a hemodiálise são tratamentos que substituem a função dos rins. Mas, infelizmente, não curam. No Brasil, atualmente, existem 35 mil pacientes fazendo hemodiálise e somente 10% são transplantados anualmente, por isso a lista de espera é grande. Os pacientes que fazem Diálise Peritoneal são de 2 a 5% dos renais crônicos. A grande maioria faz hemodiálise.

Uma enfermeira entra na sala com quatro mulheres, explica para elas, como funciona a máquina de diálise e tira as dúvidas das outras que parecem em treinamento para trabalhar no local. Tento me aproximar para aprender um pouco. Aquela máquina me parece de outro mundo. Um toque com o dedo é capaz de entrar em outra coisa para saber quase tudo do paciente, e por ai vai. É toda computadorizada. " Você vai trabalhar aqui?", pergunto a uma delas. Não. Estou fazendo um curso rápido e aprendendo como funciona esta máquina". Todas estavam muito atentas. Não sobrava espaço para eu aprender um pouquinho. Vou conversar com os pacientes que estão olhando aquele tumulto dentro da sala e observam atentamente a conversa. Tem o semblante triste, ficam só observando a conversa. Queria poder entrar na cabeça deles e saber o que estão pensando neste momento.

"– Que barulho é esse?"
"– É da máquina mesmo, é porque está puxando o sangue"

Vivo ou morto

O médico explicaque os pacientes que começam a fazer a hemodiálise precisam passar por uma cirurgia que dilata todo o sistema venoso. Em seguida é enfiada uma agulha grossa no braço, dentro da veia, para o sangue circular e fazer as pulsões, passando pela máquina de diálise e retornando limpo ao paciente. A FAV (Fístula Artéria Venosa), é feita por um cirurgião vascular unindo uma veia e uma artéria superficial do braço de modo a permitir um fluxo equivalente a um copo de sangue por minuto (250 ml/ minuto).

Passo por uma sala menor seguindo o corredor estreito e vejo mais pessoas e uma senhora com o braço muito inchado e bastante vermelho. Ela está chorando e sentindo muita dor. "Como você se chama?", pergunto. "Rosilda Gorete de Oliveira. Conversando com ela percebi que suas dores eram tão forte que ela mal conversava direito. Quando comecei a interrogá-la, as lágrimas desceram. Ela pegou meu braço e perguntou: " Que tipo de sangue é o seu minha filha?". Meu sangue é A Positivo senhora. A senhora então me olhou com os olhos inchados de tanto chorar, estava desesperada. Cabelos curtos, lisos, grisalhos, com 46 anos e casada, ela trabalha só em casa. Com um jeito delicado me disse: " É você que vai me doar um rim então, meu sangue também é A positivo e estou muito mal, cansada de sofrer e passar dor".

reprodução

Pacientes precisam fazer transplante de rim para livrar-se da hemodiálise

Depois que disse isto, ela começou a chorar mais. Fiquei olhando para ela e disse que seria perigoso doar um rim, pois não era parente dela e poderia haver rejeição. Não sabia mais o que falar com a senhora, as palavras sumiram e fiquei emocionada ao ver aquele sofrimento todo e não poder fazer nada por ela. A enfermeira estava colocando um curativo nela e ligando a máquina de diálise, quando de repente ouço um barulho estranho. Parecia um estouro. Ela começa a chorar novamente.

"Que barulho é esse? perguntei a enfermeira." É da máquina mesmo, é porque está puxando o sangue. É assim, ela disse . Ela ainda comenta: " A Rosilda teve que fazer outra cirurgia no braço, acho que deu infecção nela". As outras duas pacientes que estavam na sala olhavam para a senhora com pena, mas pareciam acostumadas a ver essas coisas sempre. Rosilda faz o tratamento a dois anos e meio e perguntei a ela se alguém da famíla se dispôs a doar um rim para ela. " tenho dois filhos mas acho eles novos demais para me doar um rim. Vou fazer a hemodiálise até aparecer um rim para mim. "Tenho esperança de um dia parar de fazer hemodiálise e ter uma vida tranqüila".

O sangue é o principal fator da sobrevivência humana. Ele percorre nossas veias fazendo um trajeto de "fórmula um," sendo impossível ver a olho nu a rapidez dos glóbulos vermelhos, glóbulos brancos e plaquetas que passam nos vasos irrigando em todo o organismo.

Alguns nomes da biologia podem ser complicados para as pessoas que nunca a estudaram, até mesmo para aqueles que não trabalham na área, mas nada pode ser de difícil entendimento para os que procuram entender com algumas pesquisas, entrevistas e claro, buscando à própria ciência que nos move a cada dia.

Às vezes não paramos para pensar qual o papel do sangue que percorre todo o nosso corpo, e a importância do mesmo para a vida. O médico do Insituto de Hemodiálise, Antônio Fernando, diz que é muito raro um paciente precisar de sangue extra no momento de um transplante de rim. "Só em casos excepcionais quando ocorre perda de sangue", observa.

Antônio Fernando ainda lembra que existem dois tipos de doadores de rim: o morto e o vivo. O doador vivo poderá doar o rim para algum familiar, pois precisa ser compatível com o receptor. Se algum paciente receber rim não parentes, não se faz a cirurgia, a não ser que o paciente esteja quase morrendo

O diabético que faz hemodiálise deve fazer dieta rigorosa

Cuidados especiais

Na maioria das vezes, os pacientes não sabem que têm problemas nos rins e quando recebem a notícia de que precisarão fazer hemodiálise ficam sem palavras e muito tristes. Uns precisam até de acompanhamento psicológico para poder superar seus problemas. Quando os pacientes começam a fazer o tratamento de hemodiálise recebem uma cartilha explicando como devem proceder durante as sessões e quais alimentos devem ser evitados. Existe uma lista de regimes também para as pessoas que são diabéticas.

O paciente diabético, que precisa fazer hemodiálise e ainda fazer uma dieta mais rigorosa, é o mais preocupante, na cartilha está escrita que o paciente com diabete deve ter os cuidados especiais na ingestão de carboidratos simples (açúcar e derivados), devendo limita-los ou aboli-los totalmente.

A paciente Ninimeire Lopes, 36, é diabética e faz hemodiálise há 4 anos. Com o olhar triste e parecendo não ter esperanças diz: " Fiquei 17 dias internada, passei mal e tive que fazer hemodiálise. Agora estou na fila de espera por um rim. Mas pessoas fizeram a cirurgia no Hospital Escola e não deu certo. Não quero fazer no Hospital Escola. Tenho medo de morrer", diz. Porque? Parece que muitas cirurgias lá não deram certo. Ninimeire tem esse medo todo, mas não é bem assim.

Maria Gasparina, 64, Uberabense, dona de casa, faz hemodiálise há seis anos e seus rins são polisísticos. " O que você sentia antes de fazer a hemodiálise?". Perguntei. " A minha filha, sentia falta de ar e moleza", respondeu. Maria Gasparina é a mais velha do Instituto de Hemodiálise e tem a esperança de um dia conseguir um rim e voltar a ter sua vida como antes.

São histórias que os pacientes contam que qualquer pessoa que um dia se interessar em vistar e conhecer a vida deles, irá valorizar mais o que tem. Uns contam como se estivessem bem, outros contam chorando, como se estivessem pedindo socorro.

O Araxaense Milton Bananal, 54, encanador, fez hemodiálise 4 meses em Araxá e depois passou a fazer no Instituto de Hemodiálise em Uberaba. Ele sai de Araxá às 5 da manhã, três vezes por semana. " Você tem alguém da família que pretende doar um rim a você?" ," tenho seis irmãos, mas eles não falaram nada comigo, não parece que nenhum vai querer doar.

Na cidade de Caruaru, entre os dias 13 a 17 de fevereiro de 1996, aconteceu uma tragédia irreparável. Pacientes do IDR (Instituto de Doenças Renais) foram contaminados após o tratamento de hemodiálise na clínica. E no dia 20 do mesmo mês, o primeiro paciente morreu, sendo que até outubro daquele ano foram constatadas 72 mortes. Os pacientes contaminados começaram a manifestar um quadro clinico anormal: distúrbio visual, cefaléia, vômito, hemorragia, e dores generalizadas no abdômen. Segundo a denúncia, o que causou a morte desses pacientes foi hepatite tóxica denominada "microssistina LR", presente na água servida pela COMPESA (Companhia pernambucana de Saneamento), que penetrou no sistema circulatório dos pacientes.

Aquelas pessoas que morreram sem saber o que havia acontecido com elas e as vítimas não foram indenizadas. Antônio fernando diz que todas os cuidados são tomados para evitar a contaminação como, por exemplo as técnicas acépticas.

Todos os pacientes que estão no Instituto de Hemodiálise um rim o que mais é desesperador é que nunca saberão até quando farão o tratamentopara quem frequenta o Instituto, o problema que parece não ter fim. Às vezes nem resta esperança para alguns. É o caso da Rosilda Gorete de Oliveira que me pediu um rim com os olhos cheios de lágrimas. Não existe raça, nem cara, e muito menos cor que faça um rim parar de funcionar. Conseguir um rim é difícil e muitos não conseguem esperar. O rim passa a se tornar um "tesouro", mas a vida é mais cara,. A felicidade existe nas faces de uns, e outros não conseguem segurar a emoção que guardam dentro de si. São pessoas que vivem suas expectativas minuto a minuto.

issuu-downloader.com

Sociedade

Fome e desperdício

A irracionalidade na gestão de alimentos só agrava um dos maiores problemas brasileiros

Alécio Freire
5º período de Jornalismo

Leonardo Boloni

Procurar comida desperdiçada nos lixos tem sido uma triste alternativa para quem passa fome

A "geografia da fome" insiste em mostrar os contornos de suas linhas num país onde existem 54 milhões de brasileiros - mais do que a população da Argentina - vivendo com menos de US$ 1 per capita por dia – cerca de R$ 100 mensais, dependendo do câmbio. Quando outros tantos 23 milhões de pessoas estão abaixo da linha de pobreza, ou seja, tentando sobreviver com menos de R$ 80 gastos em alimentação/mês, segundo estimativas feitas por Frei Betto, coordenador de mobilização social do Projeto Fome Zero. São pessoas com renda insuficiente para prover 75% das suas necessidades calóricas. Dados da Organização Mundial da Saúde (OMC) apontam que uma pessoa em atividade gasta - e precisa repor - 2.200 calorias/dia, como lembra a professora do Curso de Nutrição da Universidade de Uberaba, Anelise Bezerra de Vasconcelos. Paradoxalmente, a cultura do desperdício ocorre entre nós desde a lavoura até à mesa do consumidor final.

Combater o desperdício alimentar não é só uma questão de agregar valor aos produtos devido às novas tendências de consumo que privilegiam a qualidade total e a diferenciação nos serviços prestados, nem simplesmente um aprimoramento técnico e gerencial com vistas a melhores resultados comerciais e financeiros. O combate ao desperdício de alimentos é uma oportunidade singular de melhorar as condições de alimentação da população, sobretudo dos muitos brasileiros famélicos.

Criando uma nova política, o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva anunciou que a prioridade de seu primeiro ano de governo será erradicar a miséria e lançou o programa denominado Fome Zero. Lula acaba então de colocar o combate à fome acima da discussão sobre a economia e os bancos. Com isso, o Presidente põe a economia a serviço do homem – pelo menos na defesa de milhões de brasileiros famintos e excluídos da ciranda financeira.

Diariamente são desperdiçados cerca de 39 mil toneladas de comida em condições de serem aproveitadas

Parece estapafúrdio, mas vivemos num país de contradições. O Brasil é o segundo maior exportador mundial de alimentos, declarou o secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul, José Humberto Hoffmann, contra-atacando o lobby dos EUA – que são os primeiros - ao tentarem alinhar-se às novas políticas nacionais pressionando o Brasil para que aceite os transgênicos. Para além da defesa dos interesses das empresas americanas, somos ainda considerados a 11ª economia do planeta, numa classificação relevante para um país considerado "emergente".

Lixo

O lixo é o destino de 30% de todo o alimento produzido no Brasil, segundo relata Eliete Rodrigues Pereira, integrante da Pastoral Universitária e membro do Comitê contra a Fome. Do campo até a mesa do consumidor são desperdiçados, diariamente, cerca de 39 mil toneladas de comida em condições de serem aproveitadas. A cada 100 produtos que saem da roça, só 40 cumprirão o destino de alimentar pessoas. Os outros 60 vão virar um problema para as companhias de lixo. São 39 mil quilos de iorgute perto do vencimento, tomates machucados, pães amanhecidos, carnes estragadas e milhares de alguns outros produtos que por algum motivo estético acabam nas latas de lixo. Realidade triste e inaceitável considerando que o Brasil possui bolsões de pobreza e um quadro agudo de carência alimentar. Todo esse desperdício seria o suficiente para dar café, almoço e jantar diariamente a 19 milhões de pessoas.

Só as perdas agrícolas correspondem a 1,4% do Produto Interno Brasileiro (PIB), atingindo a gigantesca soma de R$ 11 bilhões, de acordo com dados do Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA). O dinheiro seria suficiente para fornecer cestas básicas mensais no valor de um salário mínimo (R$ 200) para 7 milhões de famílias por um ano.

Todo esse desperdício seria o suficiente para dar café, almoço e jantar diariamente a 19 milhões de pessoas

Industrias, mercados, restaurantes, buffets, atacadistas e varejistas temem fazer doações do excedente aproveitável, sob pena de serem responsabilizados criminalmente por intoxicação ou morte de quem vir a se alimentar dessas sobras. Por isso, a maioria das empresas prefere "optar" pela lata de lixo. Não necessariamente por maldade, mas para evitar o risco de um processo legal.

Com objetivo de eliminar esse obstáculo, o senador Lúcio Alcântara, atual governador eleito pelo Ceará, apresentou no Congresso Nacional um projeto de lei que busca livrar de responsabilidade civil e criminal por dano ou morte aquele que doar alimentos, desde que constate sua boa fé. O projeto faz parte de um pacote de leis apelidado de Estatuto do Bom Samaritano. Se aprovado, favoreceria as doações. Segundo projeto, indústrias seriam isentas de pagar o Imposto sobre Produtos Industrializados, o IPI, relativos à doação. Assim, uma fábrica que viesse a doar latas de feijão não teriam de pagar o IPI. Atualmente, se doarem, têm de pagá-lo. Além de remover esse tipo de obstáculo, o estatuto ainda oferece incentivos a quem colaborar. Um deles é um desconto no Imposto de Renda para quem doar comida ou máquinas para

issuu-downloader.com

industrializar alimento – o desconto já existe para quem faz doações em dinheiro. No entanto, esses projetos estão parados no Congresso Nacional.

Luta contra o desperdício

Mesmo sem o respaldo da lei, algumas empresas e instituições saíram na dianteira da luta contra o desperdício. As Centrais de Abastecimento de Minas Gerais foram pioneiras na criação de um sopão, em 1992, incentivando os comerciantes de hortifrutigranjeiros a doar alimentos que seriam descartados por não atenderem às especificações comerciais. São alimentos com pequenas imperfeições de tamanho ou machucados, mas que não perderam valor nutritivo. Tudo isso visando beneficiar, prioritariamente, a população de baixa renda. O sopão da CEASA se apresenta na forma de pasta e é embalada em latas de 4,1 kg, devendo ser diluída no momento de ser consumida, na proporção de 2/3 do volume de água para um volume do produto. E tem validade de 12 meses.

A Centrais de Abastecimentos de Pernambuco (CEASA/PE) importou a iniciativa mineira e montou a sua fábrica de sopa. Depois, a experiência foi adotada pelas ceasas da Bahia, Paraíba e Ceará. Como meta da campanha contra o desperdício alimentar, a Companhia de Abastecimento e Armazéns Gerais do Estado do Pernambuco – CEAGEPE, publicou um inédito livro intitulado "Como Evitar o Desperdício de Alimentos", resultado de uma pesquisa que durou mais de um ano, tendo por base o acervo da Biblioteca especializada da Ceasa e estudos publicados nos últimos 5 anos por centros universitários de nutrição da Europa e dos EUA, coordenada por Taciana Verçosa.

Único no gênero, o livro, além de ensinar como evitar o desperdício de alimentos, dá outras dicas de economia para o consumidor ficar atento na hora das compras e traz lições de higiene e receitas de pratos tradicionais. Ademais, chama a atenção para os cuidados com a armazenagem doméstica dos produtos e oferece ainda informações sobre os valores nutritivos dos alimentos.

A publicação é recomendada aos consumidores de hortifrutigranjeiros, bem como às donas de casa e aos profissionais de bares, hotéis, restaurantes e indústrias de alimentos. O livro afirma que os grandes vilões do desperdício são o manuseio, o transporte e a embalagem. Dá dicas para evitar o desperdício na fase de planejamento das culturas, na pré-colheita, na colheita e no pós-colheita, no embalamento, no armazenamento e transporte.

Algumas dicas para evitar o desperdício em casa: o consumidor deve comprar hortaliças com folhas e talos e utilizá-los na alimentação, pois têm alto valor nutritivo; as hortaliças devem ser guardadas inteiras, nunca cortadas ou descascadas, em sacos plásticos na parte baixa da geladeira, e as frutas maduras devem ser conservadas em geladeira, pois só devem ser mantidas em temperatura ambiente até atingir a maturação desejada.

Leonardo Boloni

De acordo com estatísticas, o lixo é o destino de 30% de todo o alimento produzido no Brasil

Inspirado no Documento 69 da CNBB – Exigências Evangélicas e Éticas de Superação da Miséria e da Fome , cuja entidade apresenta à sociedade brasileira suas reflexões sobre o problema e convida para um Mutirão Nacional pela Superação da Miséria e da Fome, a Arquidiocese de Uberaba, em parceria com outras Faculdades da cidade, criou o Comitê Contra o Desperdício Alimentar e a Fome. O objetivo é "mapear o 'endereço' do desperdício alimentar e a fome em nossa cidade e transformar os dados de pesquisa em ações públicas que beneficiem os que sofrem com esse dano".

"Temos preocupações, sim, com as questões sociais, mas entendemos ser dever dos órgãos públicos, e não dos restaurantes, tentar solucioná-las"

Instituído o Comitê, os seus integrantes agora buscam elaborar critérios de ação para ir a campo checar o tamanho do problema. Como proposta inicial de trabalho, o Comitê verificará a existência ou não do desperdício de frutas, verduras, legumes e carnes.

Não se encontram dados estatísticos confiáveis que possam servir de base para implantar uma ação programada e assistida voltada para o público-alvo: os famintos de Uberaba. Não se conseguiu detectar ainda o mapa da fome na cidade. Nada há de organizado e coordenado em nível de cidade, quer por ONGs, quer por entidades filantrópicas, quer por igrejas ou centros espíritas, ou pelo governo municipal. Creches, asilos, centros, igrejas e grande números de voluntários têm trabalhado para amenizar a fome de uberabenses carentes.

Solidariedade

Luís Carlos Rodrigues da Cunha, dono de restaurante na Praça Rui Barbosa, no centro da cidade, conta que todos os dias fecha o seu estabelecimento às 14 horas para os clientes. Os alimentos que sobram, ou ele dá aos pedintes ou oferece aos seus funcionários.

Já na contra-mão da solidariedade, um outro dono de restaurantes, que prefere não se identificar, disse que tudo que sobra vai para o lixo ou vira lavagem para os porcos. "Temos preocupações, sim, com as questões sociais, mas entendemos ser dever dos órgãos públicos, e não dos restaurantes, tentar solucioná-las", argumentou o empresário. Certas sobras de alimentos podem virar saborosos pratos, o que seria normal se fosse reaproveitado em casa. Mas isso já ocorre em alguns restaurantes de Uberaba. "Quando não tem mais jeito, a comida é dada para um criador de porcos", disse um dono de restaurante. "É a cozinha à Lavoisier"(como escreveu Fernando Machado em artigo publicado no Revelação). "Se você sentir alguma familiaridade com a comida, não estranhe, pois o picadinho que você come hoje pode ter sido o bife de ontem e poderá ser o suculento estrogonofe de amanhã. O feijão de caldo pode se metamorfosear em um tutu à mineira. E os bolinhos de arroz, quem diria, é o arroz do dia anterior".

Creches, asilos, centros, igrejas e grande números de voluntários têm trabalhado para amenizar a fome de uberabenses carentes

Talvez poucas pessoas saibam dos números da produção e consumo da população de Uberaba. Mas segundo dados da Secretaria Municipal de Agricultura, Uberaba importa carne bovina. O município produz 10 mil toneladas/ano e consome 10,4 mil toneladas. Segundo Miguel Domingues, funcionário do açougue do Bretas, das 28 toneladas/mês que compram dos frigoríficos de Goiás e vendem, o desperdício de carne bovina pode chegar a 10%, pois a "quebra" é devida ao estrago da embalagem a vácuo que fura, ou pelo pouco consumo das carnes de segunda. A "quebra" ou vira carne de sol ou ração. No entanto, Uberaba produz muita carne de frango. São 35 mil toneladas/ano, enquanto se consome 7,5 mil. Para a carne de suínos, das 3,54 ton./ano, 3 mil são consumidas aqui. Importa ainda feijão, arroz, café e frutas, exceto a laranja. No tocante aos legumes, Uberaba se destaca na produção de batata, cenoura e mandioca. Para as folhosas, a produção é de 10,8 toneladas, e o consumo de 8,76.

Segundo os dados do mês de outubro/02, disponibilizados pelo gerente das Centrais de Abastecimento do Vale do Rio Grande (CEARG), Paulo Afonso Martins, Uberaba produziu 2 mil toneladas de verduras, frutas e legumes, e importou outras 3,3 mil toneladas, vindas de Uberlândia e de Ribeirão Preto. Ou seja, o consumo de alface, repolho, tomate, beterraba, cenoura, mandioca, goiaba e laranja em outubro foi de 5,3 mil toneladas.

O gerente Martins disse ainda que a CEARG de Uberaba trabalha com o sistema de encomendas que os permissionários fazem para o consumo da semana, com isso evita muito o desperdício. Mas das 15 toneladas consumidas a cada 15 dias, chega-se a perder umas duas. Já ocorreu a perda de 15 toneladas de laranja. Entre frutas, legumes e verduras, a batata é campeã, pois com o transporte e o manuseio ela se "machuca muito". "Mas o pessoal que mora nos bairros mais perto da CEARG fazem a coleta e aproveitam tudo; quase nada vai para o lixo", garante Martins. Para Roner Alves Siqueira, 35 anos, proprietário da rede de lojas do Varejão Tropical, que vende semanalmente de 60 a 70 toneladas de frutas, verduras e legumes, "o que mais desperdiça são as folhas, que, por causa da vida útil delas, dependendo do clima, gira em torno de 12 a 18 horas, no máximo 24 horas, criando uma margem de desperdício de 5 a 10%".

Siqueira aponta alguns fatores que podem contribuir para o desperdício, como a época do ano, o clima, a qualidade da mercadoria no momento da compra. Na época das chuvas, fungos e bactérias prejudicam muito os tomates e outros. Banana despencada, maçã que levou alguma pancada, batata que descascou um pouquinho, tudo isso é reaproveitável. Siqueira é procurado pelas creches e entidades que fazem sopa, e depois de reciclar o material, eles reaproveitam. "Até funcionários aproveitam um pouco dessa mercadoria". "Tenho visto nas feiras o pessoal doando aquilo que não dá mais para ser comercializado". Na tentativa de delinear o mapa do desperdício em Uberaba, nos deparamos com toneladas de produtos que nos mostram que, se a fraternidade humana fosse tão intensa quanto a produção de soja e milho em Uberaba, ninguém ia ficar com o estômago nas costas.

issuu-downloader.com

Rock 'n roll
Variações do rock progressivo

Apesar das influências dos anos 70, banda Cálix apresenta música sem rótulos e com sonoridade atual

Felipe Augusto
3º período de Jornalismo

Antônio Marcos Ferreira

Banda mineira apresentou seu repertório eclético durante a calourada no Campus II

Depois de sete anos na estrada, a banda mineira Cálix veio pela primeira vez a cidade de Uberaba. A banda participou da calourada 2003 da Uniube, lançando seu segundo CD "A roda", que já vendeu 3 mil cópias. O primeiro CD "Canções de Beurin" lançado em 2000 também obteve um grande sucesso e vendeu mais de 5 mil cópias.

A banda é conhecida pelo "multi-instrumentismo" – misturando elementos como flauta, bandolin e ocarina – e por fazer arranjos que lhe dá um estilo próprio e diferenciado. "O progressivo é inovador, tem a liberdade de poder misturar músicas e instrumentos. Talvez por isso seja um estilo que a gente se aproxima mais" disse Renato Savassi, vocalista e multiinstrumentista, justificando o porquê de alguns críticos rotularem a banda como "rock progressivo".

O principal motivo deles serem tão diferenciados na forma de fazer música são as diversas influências, passando de Beatles, Jethro Tull, The Who a Sagrado Coração da Terra, Clube da Esquina e música medieval.

Apesar de nova, a banda já participou de grandes projetos, como o "Orquestra mineira de rock" juntos com Cartoon e Somba. "É um projeto em que as bandas se interagem no palco fazendo uma jam no final do show" explica Renato Savassi. No final do ano passado o Cálix participou de uma turnê com o 14 Bis através do projeto "Conexão Telemig Celular de Música". As bandas se apresentaram em Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, além de outras cidades do interior de Minas Gerais. Eles também participam de vários eventos culturais pelo interior do estado sempre em destaque.

A roda

O segundo CD, "A roda", foi lançado em agosto no palácio das artes, e assim como o primeiro de forma independente. O CD também é comprado e distribuído por outras gravadoras como a Sonhos e Sons, de Marcus Viana, do Sagrado Coração da Terra, e a Rock Simphony, do Rio de Janeiro. A Rock Simphony distribui também para fora do Brasil, o que rendeu a banda Cálix elogios mundo a fora, como na Europa e EUA.

> **"Musicalmente o progressivo ainda tem muita coisa para criar e contribuir"**

"A roda" é um CD diferente do primeiro, ele tem uma sonoridade mais atual" explica Renato Savassi. Esse trabalho possui também um maior número de canções com vocais mais arranjados e de fácil acesso ao público. "Buscamos 'popularizar' nossas músicas, no sentido de todo mundo ter a possibilidade de conhecer nosso som", coloca Marcelo Cioglia, baixo e vocal. As músicas do segundo CD deixa ainda mais notável a influência do Clube da Esquina sobre o grupo.

Em três faixas desse último trabalho, a banda contou com a participação da Orquestra de Câmara do SESI Minas, que participou do lançamento oficial do CD em Belo Horizonte.

O que a banda pensa

Apesar de conhecidos como uma banda de rock progressivo, eles acreditam não se encaixar neste estilo. "Se pudéssemos rotular nosso som, o chamaríamos de *livre*", brinca o baixista Marcelo Cioglia. O estilo de música diferenciado e bem trabalhado da banda, rende um número cada vez maior de fãs de diversos gostos e estilos. "A intenção da banda é levar uma energia positiva ao público", afirma o guitarrista Sânzio Brandão.

> **"O cenário musical bem democrático e tem espaço para todos"**

Em termos de mercado a banda é otimista, mesmo reconhecendo que é bem restrito. "O cenário musical é bem democrático e tem espaço para todos", afirma Renato Savassi. Sobre o Rock progressivo os músicos tem uma visão contrária sobre o que muitos críticos afirmam: o progressivo acabou. "Musicalmente o progressivo ainda tem muita coisa para criar e contribuir", diz Sânzio Brandão.

Os fãs podem acessar o site oficial da banda www.calix.art.br, onde são disponibilizadas músicas para download, vídeos, fotos e outros brindes. O site oferece também um espaço com contato com os músicos da banda.

issuu-downloader.com